

# "O SERVO NÃO É MAIOR QUE SEU SENHOR"

A Igreja Católica  
e o  
Povo Kayapó

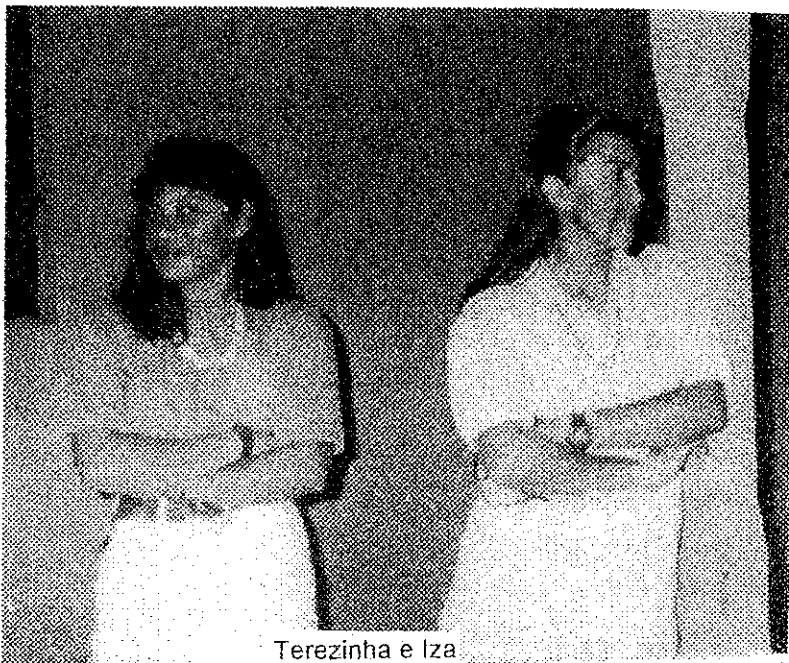
DOM ERWIN KRAUTLER

1993

## **"O SERVO NÃO É MAIOR QUE SEU SENHOR. SE ELES ME PERSEGUIRAM, TAMBÉM VOS PERSEGUIRÃO" (João 15,20)**

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Regional Norte II, reunido em assembléia ordinária em Belem (de 17 a 21 de julho de 1993), voltou a denunciar a presença de empresas madeireiras e de garimpos na área indígena Kayapó no Sul do Para. Pretendia com isso sensibilizar a opinião pública a respeito dos graves prejuízos que a extração de madeira de lei e a garimpagem causam às comunidades indígenas, levando para elas a corrupção e morte e destruindo valores culturais e costumes ancestrais. Padre Diego Pelizzari, membro da equipe indigenista da Prelazia do Xingu, concedeu em Belem entrevista coletiva a vários canais de televisão. As entreveistas foram para o ar. A imprensa noticiou o descalabro na aldeia Kikretum-Djudjetykti: consequência do assalto de madeireiros e garimpeiros às riquezas naturais daquela região. Diante dos fatos noticiados, as reações dos denunciados não tardaram. Lideranças indígenas, há anos corrompidas pelas grandes quantias de dinheiro que os saqueadores lhes passaram à guisa de participação nos lucros, fizeram uma espúria aliança com as empresas exploradoras da área PURIMIL e FERREIRA, com sede em Tucumã PA.

Desde 1983 Kikretum contou com a presença contínua de uma equipe indigenista da Prelazia do Xingu. Os membros da equipe somente se ausentaram da aldeia para participar de reuniões, para cursos de reciclagem ou para férias. Em julho deste ano, Padre Diego Pelizzari S.X. e as professoras Iza Quadros e Tereziinha Vieira deixaram Kikretum por algumas semanas, convocadas para as assembléias do CIMI em nível regional e nacional. Durante



Terezinha e Iza

esta ausência os inimigos da causa indígena não dormiram. Semearam o joio no meio do trigo. Os irmãos Herculano e Fernando Trigueiro da firma PURIMIL solicitaram uma reunião dos Kayapo. Realizaram-se duas, uma na aldeia Gorotire, outra em Kokraimoro. A exigência que os irmãos Trigueiro apresentaram aos caciques Pitu e Niti foi enfática: A expulsão do Padre! Se isto não acontecer, acabam os negócios e o dinheiro também!

A equipe voltou dia 16 de agosto a Kikretum. Após a costumeira acolhida cordial pelos Kayapó, especialmente pelas mulheres e crianças, os missionários se deram conta de que tanto a casa das professoras como a do Padre tinham sido arrombadas. Havia papéis espalhados no chão. Faltaram diversos objetos e pertences pessoais.

Além dos madeireiros coube ao funcionário da FUNAI William, da Ajudância de Redenção, PA, o papel de manipular os caciques contra a equipe indigenista. Até 16 de agosto, nenhuma

comunicação alcançou o Pe. Diego e as duas professoras a respeito de sua expulsão de Kikretum. William há tempo assumiu ao lado das obrigações inerentes ao cargo de representante do órgão indigenista oficial a fiscalização do garimpo Rio Branco. Para este serviço extra recebe semanalmente 15 gramas de ouro. No dia em que a TV Globo e a SBT irradiaram a entrevista de Pe. Diego, William encontrou-se em Belém em companhia dos caciques Niti e Kuantoro. Voltando à aldeia, instigou os caciques a expulsar o padre e impedir qualquer atividade da Igreja Católica dentro da área indígena Kayapó. Subservientes, os caciques Pitu e Kuantoro reuniram os guerreiros para comunicar-lhes a decisão tomada. Vários homens discordaram. As mulheres ficaram revoltadas e manifestaram-se contra a decisão.

A tensão agravou-se em Kriketum. O clima na aldeia deteriorou-se a cada dia que passou. Não havia mais condições para a equipe de permanecer na área.



Padre Diego Pelizzari

Em 30 de agosto de 1993, os missionários acabaram deixando a aldeia. As empresas brasileiras PURIMIL e FERREIRA, respaldadas por um funcionário corrupto da FUNAI e dois caciques comprados com vultuosas somas de dinheiro, conseguiram, o que há muito tempo almejavam: pôr fim à presença da Igreja em território Kayapó. Uma vez eliminados os missionários importunos, não há mais ninguém que possa impedir o saque do que ainda resta de madeiras nobres e de ouro na reserva indígena Kayapó.

## **HISTÓRICO DE UMA AGRESSÃO**

### **O começo da tragédia**

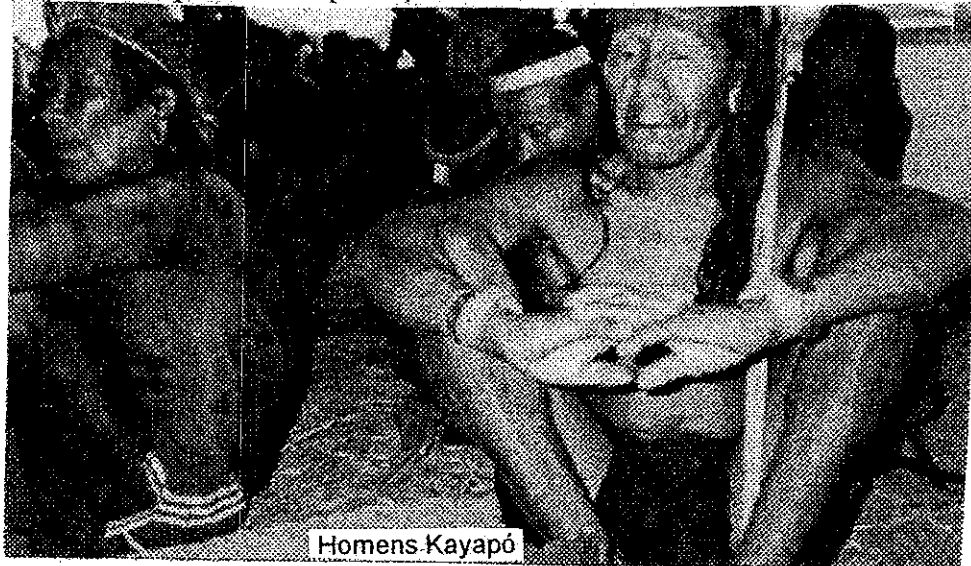
Neste século, os primeiros contatos traumáticos dos Kayapó com a sociedade branca se deram nos anos 20 e 30. O governo incentivou a extração e comercialização da borracha. Os grandes seringais coincidiram com as regiões tradicionalmente habitadas pelos Kayapó. Centenas de “Soldados da borracha” são enviadas aos altos rios Xingu, rio Fresco e Iriri e mantidos em regime de semi-escravatura. Os Kayapó reagem inúmeras vezes contra a invasão de seu território e atacam os pobres seringueiros e suas famílias. Os seringalistas declaram guerra aos Kayapó partindo para o revide sangrento. O número real de índios e seringueiros mortos naquela época jamais foi registrado. Consta apenas que aconteceram várias chacinas. O índio foi considerado “bicho do mato” que podia ser morto sem qualquer punição.

Na década de 40 começa a exploração de ouro e de diamantes na região do sul do Para. Novamente o território indígena é o alvo desta investida. A partir de 1950 cresce vertiginosamente a comercialização de peles e animais silvestres. Os Kayapó, pela primeira vez, mudam o hábito da caça tradicional e começam a matar onças, gatos maracajá e lontras para vender as peles que têm alta cotação no mercado internacional.

## O mogno - a riqueza que arrasa

A reserva indígena Kayapó é rica em madeiras de lei. Especialmente o mogno atrai as firmas madeireiras. Desde os anos 60 as madeiras nobres são saqueadas, as matas rasgadas e destruídas. A FUNAI concordou com a exploração madeireira, que significava para o órgão tutelar uma colaboração para o auto-sustento das comunidades indígenas. A área indígena é invadida por toda parte. Os Kayapó se deram conta dos abusos e entraram na luta pela demarcação oficial de sua reserva e a expulsão dos invasores.

Em 1982 a FUNAI, alegando mais uma vez de não ter recursos para prestar assistência às comunidades Kayapó, promove uma licitação entre empresas madeireiras para explorar o mogno dentro da área indígena Kayapó. Em contrapartida as firmas garantiram a construção de uma estrada ligando Tucumã à aldeia Kikretum e outra ligando Redenção à aldeia Gorotire. Acobertadas pela própria FUNAI, as madeireiras têm livre entrada nas aldeias e cumulam os índios de presentes. Chove bolachas, Coca-cola, tabaco e todo o tipo de bugiganga nas aldeias. Vestem os Kayapó com T-shirts e calções coloridos. O objetivo de tanta “benevolência madeireira” é um só: conquistar a benevolência kayapó para não atrapalhar a exploração de madeiras.



Homens Kayapó

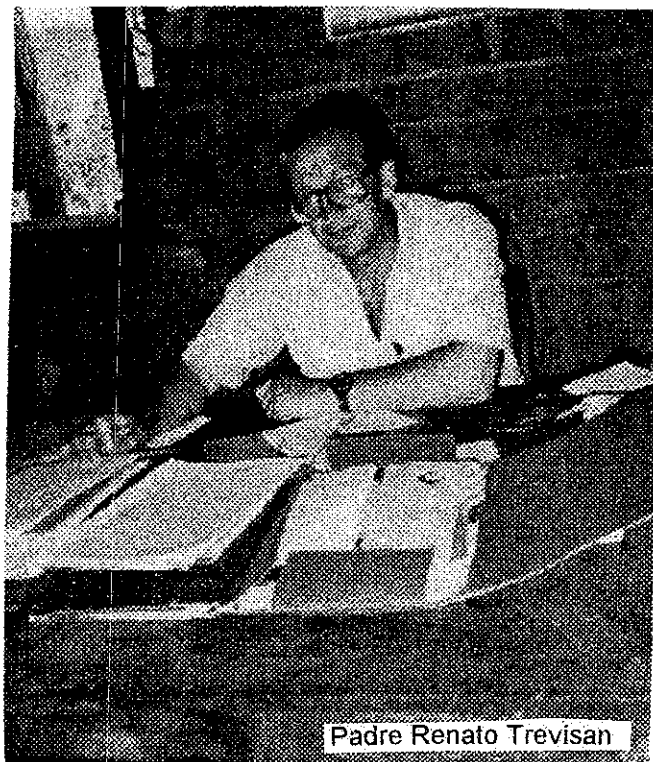


Em 5 de outubro de 1988 é solenemente promulgada a nova Constituição Brasileira. No capítulo sobre os direitos indígenas encontram-se formuladas as condições para a exploração do solo e sub-solo de reservas indígenas. Preocupadas com a nova legislação as empresas madeireiras de Redenção, Xinguara, Tucumã, S. Felix do Xingu e da capital do Estado, Belem, empenham-se em oferecer aos índios presentes mais sofisticados. A exploração de mogno precisava continuar garantida a qualquer preço. Lideranças indígenas passaram a ganhar casas de alvenaria mobiliadas, carros de último tipo, televisões, aparelhagens de som, antenas parabólicas, geladeiras, aviões.... Nada porém de graça! São presentes troianos! Tudo pago com centenas de milhares de metros cúbicos de mogno! Mesmo assim, somente uma parcela de dinheiro chega às mãos dos Kayapó. Os índios ignoram o valor real da madeira. Não entendem o teor e a natureza dos “contratos” que assinam.

## **O auricídio: o ouro que mata**

Não só as madeiras nobres atraem grandes empresas. Jazidas de metais preciosos são descobertas. Um garimpo surge atrás de outro. E o ouro faz suas vítimas. A FUNAI, sem maior reflexão, admitiu no início dos anos 80 a penetração de garimpeiros em terras indígenas. O projeto contou com a participação da Caixa Econômica Federal que pagava aos Kayapó os dízimos do ouro auferido. Os pagamentos dos madeireiros e os dízimos do ouro geram uma forte dependência do dinheiro. Os Kayapó começam a fazer gastos desnecessários e supérfluos numa onda de consumismo jamais vista. Muitas lideranças se corrompem, sem falar dos vícios adquiridos pelo frequente contato com a sociedade envolvente.

Houve vários confrontos com garimpeiros, como por exemplo o fechamento da pista de pouso de Cumaru. Mas o motivo da



Padre Renato Trevisan

reação dos índios não foi tanto a preservação do território indígena, mas o descontentamento dos Kayapó, já acostumados a receber rios de dinheiro, diante da interrupção temporária do pagamento dos dízimos por parte da Caixa Econômica Federal. Ameaçaram de expulsar os garimpeiros, mas acabaram disputando entre si os ganhos do ouro.

O dinheiro farto há tempo está destruindo a cultura Kayapó, acabando com os costumes ancestrais e desestruturando sua tradicional organização econômica e social. Mas o ouro cobra um preço maior ainda: a contaminação do povo pelo mercúrio. Os garimpeiros utilizam mercúrio para a apuração do ouro. Os resíduos do metal são jogados nos igarapés e rios. O Rio Fresco, outrora de águas cristalinas, virou uma cloaca. O peixe é contaminado e este alimento predileto da população Kayapó passa a intoxicar as pessoas.



Entre 1991 e 1993 quatro expedições científicas foram feitas entre os Kayapó. Foram analisados fios de cabelo de 419 índios. A análise dos dados é alarmante: 71% dos índios apresentam indícios de contaminação superiores ao que a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera ainda tolerável para o organismo humano (6 ppm - partes por milhão). Há casos com índices superiores a 55 ppm. Os mais afetados pela contaminação são os idosos e as mulheres grávidas. Há poucos meses nasceu uma criança completamente calva. A intoxicação mercurial pode provocar a perda de visão, perda de sensibilidade nas extremidades dos braços e pernas, perda do controle motor, disfunções gástricas, tonteiras, até o nascimento de crianças sem cérebro e com deformidades.

## **“Me bibanh” - homens loucos**

A arma mais perigosa que os brancos usam para vencer a resistência indígena é o álcool. A bebida alcoólica está levando a juventude Kayapó à loucura. Dinheiro fácil perverte. Os jovens vão às cidades, embriagam-se e frequentam o baixo meretrício. Outros mantêm amantes brancas. A vida na aldeia não interessa mais. Os laços familiares e comunitários enfraquecem. A delinquência e os repetidos atos violentos na cidade provocados pela embriaguez geram reações de ódio e vingança da parte dos brancos.

## **O compromisso da Igreja do Xingu**

Desde a sua criação em 1934, a Prelazia do Xingu se preocupa com os povos indígenas nas margens do Xingu e seus afluentes. Nos primeiros tempos a assistência aos índios restringiu-se a desobrigas. Padre Eurico Krautler e Padre Frederico



Dom Erwin Krautler

Tschol, Missionários do Sangue de Cristo, visitaram várias vezes as aldeias Kayapó. Os padres Antônio e Carlos Lukesch da Diocese de Graz, Austria, dedicaram-se exclusivamente à Pastoral Indigenista e permaneceram por meses e anos na aldeia Gorotire. Padre Antonio fez estudos antropológicos e linguísticos entre os Kayapó. Os dois sacerdotes irmãos conseguiram também um primeiro contato com o povo Asurini, na década de 50.

A partir de 1983 a Pastoral Indigenista é uma das prioridades na Pastoral de conjunto da Igreja do Xingu. Naquele ano foi criada a Equipe de Pastoral Indigenista. Em um documento intitulado “Nosso compromisso com os povos indígenas na Prelazia do Xingu” Dom Erwin Krautler, por dois períodos consecutivos presidente do Conselho Indigenista Missionário da CNBB, traçou

as linhas que deveriam nortear nosso engajamento em favor dos povos indígenas e nosso empenho para sensibilizar a sociedade envolvente em relação aos direitos dos índios às suas terras e à sua cultura específica. Os Padres Xaverianos, de acordo com seu carisma, marcam presença contínua na aldeia Kikretum e posteriormente em A'Ukre. Padre Renato Trevisan foi escolhido coordenador da equipe e visitou por várias vezes também as outras aldeias, não só dos Kayapó, mas também dos Araweté, Asurini, Xikrin, Parakaná e Arara. As Irmãs de Jesus estão desde 1981 presentes no meio do povo Asurini. A paróquia Imaculada Mãe dos Pobres, Medicilândia, dedica-se dentro do possível ao povo Arara, na Transamazônica. São Felix do Xingu aos Parakanã. Padre Frederico passou anualmente algumas semanas na aldeia dos Araweté e Kayapó-Xikrin no Bacajá. Professoras leigas foram convidadas a integrar a equipe e em Altamira criou-se um centro do CIMI-Xingu, encarregado de juntar documentos e acompanhar processos de demarcação. Especial menção merecem os encontros de diversos povos, realizados em Altamira com o apoio da Prelazia do Xingu, para estreitar os laços e fortalecer as alianças entre eles.

Além da nossa presença em meio aos povos indígenas, a Prelazia do Xingu investiu sempre na conscientização da sociedade envolvente quanto aos valores culturais dos povos indígenas e seus direitos inalienáveis. A Semana dos Povos Indígenas é realizada em todas as Paróquias e Comunidades Eclesiais de Base. Em nível nacional e internacional chamamos a atenção da opinião pública para a situação dos índios, denunciando invasões e desrespeito à legislação vigente.

Sabemos que nosso trabalho pastoral e evangélica solidariedade com os povos ameaçados em sua sobrevivência cultural e física contrariam poderosos interesses econômicos e políticos. As forças anti-indígenas não querem apenas sacrificar os povos indígenas, negando-lhes seus direitos, mas levantam-se também contra seus defensores e aliados não-índios. Não descansam enquanto

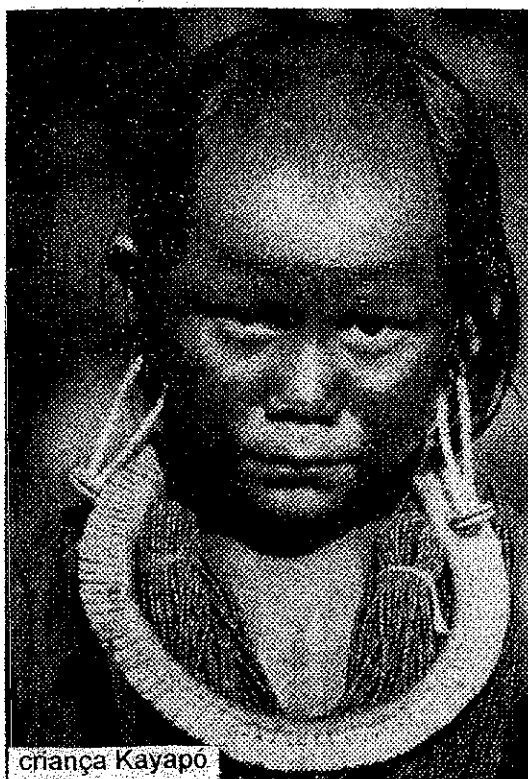
existem mulheres e homens que consagram sua vida à causa indígena. Querem por todos os meios silenciar sua voz. Ou os difamam e caluniam, ou os expulsam da área indígena. Sempre os perseguirão. Não há nenhuma novidade nisso.

Dedicamos nossas vidas aos povos indígenas não por razões particulares. Quem nos impele é Cristo e seu Evangelho. E foi ele quem predisse a seus amigos: “O servo não é maior que seu senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão.” (Jo.15,20)

Altamira, 12 de setembro de 1993.

Equipe da Pastoral Indigenista da Prelazia do Xingu.

Erwin Krautler  
Bispo do Xingu.



criança Kayapó

**CIMI NORTE II**  
**Tv. Nina Ribeiro 254 - Canudos**  
**Caixa postal 12097 São Braz**  
**66090-970 Belém/PA**  
**Fone/fax: (091) 226.5408**